

Um breve histórico do início da teoria da invasão ariana

A brief history of the beginning of the Aryan invasion theory

Matheus Landau de Carvalho¹
matheuslcarvalho@ig.com.br

Resumo

Este artigo pretende traçar os primeiros passos que constituíram a teoria da invasão ariana, seja através de algumas idéias de missionários cristãos e eruditos europeus enviados à Índia, seja pela maneira com a qual autoridades políticas lidaram com a propaganda de tal teoria, desde o fim do século XVIII até a primeira metade do século XIX, de modo a constatar algumas congruências e contradições internas à mesma.

Palavras-chave: Teoria da invasão ariana; Eruditos europeus; Missionários cristãos; āryas; dasyus.

Abstract

This article intends to trace the first steps which constituted the Aryan invasion theory, both through some ideas of Christian missionaries and European scholars sent to India, or through the way with which political authorities dealt with the propaganda of such theory, from the end of the eighteenth century up to the first half of the nineteenth century, so as to evidence some congruence and contradictions inside this theory.

Key-words: Aryan invasion theory; Christian missionaries; European scholars; Āryas; Dasyus.

Introdução

Um dos aspectos mais interessantes do estudo da História é o fato de que idéias e acontecimentos aparentemente simples e insignificantes – às vezes provenientes de pensadores e lugares desconhecidos da maioria das pessoas – podem desempenhar papel determinante nos rumos da humanidade: assim aconteceu com o assassinato de uma pessoa que serviu de estopim para o início da I Guerra Mundial e com a descoberta por um acaso da penicilina que salvou milhares de vidas na II Guerra Mundial. De maneira semelhante ocorre com a teoria da invasão ariana, muito desconhecida da maioria das pessoas, mas que está na verdadeira base da ideologia nazista – mormente a eugenia em prol da raça ariana –, para não citar que ela se vale principalmente do livro mais antigo

¹ Concluiu Bacharelado e Licenciatura em História e Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2009. Obteve o grau de especialista – 2010 – e é mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, pela mesma Universidade.

da humanidade – pelo menos em termos de composição oral –, o *Rgveda*¹. Para uma delimitação mais objetiva, este artigo parte da descrição de traços gerais das situações política, econômica e científica da Grã-Bretanha do final do século XVIII ao final do século XIX como um contexto maior de expansão do Império Britânico, o qual tinha como uma de suas partes o Subcontinente Indiano – área equivalente aos atuais países do Paquistão, Índia, Bangladesh, Butão, Myanmar e Ilhas Maldivas, região que ficou conhecida como Raj britânico –, onde o encontro de eruditos europeus e missionários cristãos representantes da cultura do mesmo Império em expansão com a tradição indiana, ao longo do século XIX, possibilitou o surgimento da teoria da invasão ariana, que assumiu aspectos por vezes congruentes, por vezes contraditórios entre si.

1. A ascensão do Império Britânico

No século XVIII teve início na Inglaterra a Dinastia Hanover (1714-1837) e também a ascendência dos *whigs* (liberais). Os ingleses viveram um período de sólida unidade política, social e econômica, somente perturbada pelas consequências históricas da Revolução Francesa. Foi uma fase de intensa atividade econômica, com a abertura dos portos de Bristol, Liverpool e Glasgow na costa ocidental, permitindo a expansão dos horizontes comerciais britânicos. A aquisição do Canadá, o aumento do poderio da Companhia das Índias Ocidentais e as viagens de James Cook ao Pacífico (1768-79) refletem o expansionismo imperialista que marcou este período. Além disso, “o clima cultural, traduzido por grandes conquistas na literatura, filosofia, história, ciências naturais e na economia política, contribui decisivamente para fermentar o novo substrato econômico.” (Enciclopédia Barsa, 1993, vol. 13, p. 228b)

O clima de progresso e tranquilidade estabelecido pelo conde de Oxford e primeiro-ministro britânico Robert Walpole (1676-1745) entre 1720 e 1742 não chegou

¹ O *Rgveda* compõe-se de 1028 hinos divididos em dez livros de tamanhos diferentes. Aqueles que se serviram da teoria da invasão ariana o datam por volta de 1500 a.C., durante o qual teria acontecido a dita invasão. A maioria das fontes situa o início de sua produção verbal na Idade do Bronze (c. 3700 a.C. – c. 3500 a.C.), fazendo dele o único exemplo de literatura desta Idade com uma tradição irrompida. Segundo David Frawley, o início de sua composição teria se dado entre 6500 a.C. e 3100 a.C., e de acordo com Michel Danino, não só o simbolismo védico se refere a eventos celestiais como solstícios e equinócios datados ente 6000 a.C. e 4000 a.C., como o astrônomo indiano B. G. Siddharth afirma ter encontrado no *Yajurveda* de *Kṛṣṇa* uma referência clara a solstícios por volta de 8500 a.C., o que faria do *Rgveda* uma composição anterior a isto, visto que é o mais antigo dos quatro *Vedas* iniciais (Danino; Nahar, 1996, pp. 78-9.). Foi preservado até o século XI a.C. tanto por tradição oral quanto por manuscritos em cascas ou folhas que decompunham rapidamente no clima tropical, quando então foi registrado de uma forma mais perene.

a ser abalado posteriormente pela Guerra dos Sete Anos (1756-63), e apesar dos problemas da política externa advindos da Independência das Treze Colônias dos Estados Unidos da América do Norte e da Revolução Francesa – principalmente Napoleão Bonaparte –,

[...] nos setores econômico e social, deu-se o contrário, e, apesar dos insucessos da política exterior, a Inglaterra, através da revolução agrária e do crescente prestígio de Londres como centro financeiro, pôde estender sua influência aos demais países do continente e inaugurar uma fase de verdadeira revolução industrial. (Enciclopédia Barsa, 1993, vol. 13, p. 229a.)

Foi justamente o momento em que James Watt (1736-1819) desenvolveu e inventou a moderna máquina a vapor, patenteada entre 1769 e 1782, um dos principais impulsos do que tradicionalmente se denomina Revolução Industrial, cuja fase aguda – 1760-1830 – “foi a continuação natural de um longo processo, anterior e posterior em muitos anos a esses limites cronológicos.” (Enciclopédia Barsa, 1993, vol. 13, p. 322-3). A Revolução Industrial resultou de alguns precedentes: revolução agrícola, que forneceu a mão-de-obra abundante e barata; expansão do comércio marítimo internacional e seu virtual domínio pela Inglaterra; abundância de capitais e baixa da taxa de juros devido à acumulação realizada no comércio e na agricultura, mobilizados estes capitais em função do desenvolvimento do mercado financeiro londrino e de bancos provinciais; avanços técnicos com máquinas, mão-de-obra especializada; e a utilização do vapor como nova forma de energia.

As transformações internas à Inglaterra permitiram que a mesma começasse a transformar o mundo, mormente na Era Vitoriana (1837-1901). “A Grande Exposição de 1851, bem como os jubileus de 1887 e 1897, mostraram ao mundo a nova face do Império Britânico, potência industrial e colonialista, cuja influência se estenderia a todos os continentes.” (Enciclopédia Barsa, 1993, vol. 13, p. 229a) (Anexo 01). E apesar da crise inglesa no continente africano com a Guerra dos Bôeres na África do Sul em 1899-1902, e na Guerra da Criméia (1853-6),

A riqueza da tradição vitoriana não se limitou ao progresso industrial ou às conquistas literárias. Sob seu reinado, o país reencontrou-se; a população duplicou entre 1837 e 1901; novas cidades, classes sociais e instituições são

criadas, lançando assim as verdadeiras bases da Inglaterra moderna. (Enciclopédia Barsa, 1993, vol. 13, p. 229b)

O desenvolvimento das máquinas industriais, ferrovias e navios a vapor foi muito mais consequência da inventividade de engenheiros e inventores sem formação científica do que de estudos realizados em laboratórios. Um dos principais físicos responsáveis pela manipulação da eletricidade foi Michael Faraday (1791-1867), que em 1821 inventou o motor elétrico e dois anos depois descobriu o princípio que permite a geração de corrente elétrica através de dínamos. Porém, o uso generalizado da eletricidade para movimentar máquinas, para a comunicação através do telégrafo e do telefone, e para a iluminação, só veio na segunda metade do século XIX. Neste momento os trabalhos prévios do químico Sir William Crookes (1832-1919) sobre o plasma, que conduziram aos raios X e à descoberta do elétron por Sir Joseph John Thomson (1856-1940) em 1897, abriram portas para a pesquisa da estrutura atômica e seus componentes. O físico escocês James Clerk Maxwell (1831-1879), além de conseguir explicar através de equação todos os fenômenos que eram conhecidos nesse campo, previu, entre outros, a possibilidade de se criar ondas eletromagnéticas que poderiam enviar energia pelo espaço, futuramente permitindo o telégrafo sem fio e a transmissão de voz pelo espaço. Maxwell ainda unificaria os campos da Ótica e do Eletromagnetismo. Em 1900 a Inglaterra era uma das líderes mundiais na física, na matemática e na biologia.

2. O Raj britânico

A Companhia das Índias Orientais, fundada em 1600 e transformando-se em Companhia Inglesa das Índias Orientais através da fusão com outra companhia inglesa em 1702, foi estabelecida na cidade de Surat (1613), oeste da Índia. A cidade de Bombaim foi entregue à Companhia em 1668, resultado do dote de Catarina de Bragança ao rei Carlos II, tornando-se a capital inglesa da costa ocidental indiana. Na costa oriental os ingleses estabeleceram-se em Masulipatnam e depois Madras, além de feitorias, como a de Hugli, em Bengala, onde foram lançadas as bases da Calcutá moderna, centro administrativo a partir de 1700 (Anexos 02 e 03).

A luta mundial entre ingleses e franceses pelo comércio marítimo engendrou a visão de um império europeu na Índia, levada a cabo pela Inglaterra. O primeiro passo

foi a conquista militar da província de Bengala pela Companhia na Batalha de Plassey, em 1757. A derrocada de Napoleão em 1815 e o enfraquecimento da antiga potência dominante na região resultado da expansão do islamismo pela Ásia, o Império Mogol, permitiu que a Companhia conquistasse uma supremacia inquestionável na Índia, principalmente após a vitória militar britânica sobre as tropas nativas da Confederação Maratha, em 1818. De fato o imperador mogol já fôra derrotado em 1764, mas ainda permanecia como fonte nominal de poder sob os auspícios britânicos. Divergências entre príncipes indianos, utilização de tropas indianas contra os próprios indianos, a habilidade e a ambição inglesas permitiram a transformação do subcontinente indiano em colônia britânica, dividida em duas partes, quais sejam, a Índia britânica, inicialmente sob a administração direta da Companhia – e posteriormente do governo imperial – e os Estados nativos, com suas dinastias conservadas sob a supervisão política dos ingleses. Segundo Danino, um historiador teria dito que

Logo depois de Plassey [em 1757], o saque de Bengala começou a chegar em Londres, e o efeito parece ter sido instantâneo, pois todas as autoridades concordam que a ‘revolução industrial’... começou com o ano de 1760... Possivelmente desde o início do mundo nenhum investimento produziu tanto lucro colhido do saque indiano. (Danino; Nahar, 1996, p. 14.)

Nas palavras do historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006) sobre o início do século XIX,

O progresso reunia, pois, experiências e expectativas afetadas por um coeficiente de variação temporal. Um grupo, um país, uma classe social tinham consciência de estar à frente dos outros, ou então procuravam alcançar os outros ou ultrapassá-los. Aqueles dotados de uma superioridade técnica olhavam de cima para baixo o grau de desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos. Na hierarquia dos estamentos via-se uma classificação estática, que o impulso das classes progressistas deveria ultrapassar. (Koselleck, 2006, p. 317)

3. Indologia e nascimento da teoria da invasão ariana

Antes de se analisar a Indologia e o nascimento da teoria da invasão ariana propriamente ditos, faz-se necessária uma breve digressão sobre a Lingüística Comparada, que desempenha importantíssimo papel na primeira e está nas raízes da segunda.

O mercador florentino Filippo Sassetti (1540-1588) foi um dos primeiros europeus a estudar o sânscrito. Após chegar à Índia, em 1585, observou algumas semelhanças entre este e o italiano, a saber, respectivamente ‘deva’ e ‘dio’ – deus –, ‘sarpa’ e ‘serpe’ – serpente –, ‘saptan’ e ‘sette’ – o número sete –, ‘aṣṭa’ e ‘otto’ – o número oito –, ‘navan’ e ‘nove’ – o número nove. Sassetti faleceu em Goa.

O erudito holandês e professor na Universidade de Leiden, Marcus Zuerius van Boxhorn (1612-1653), após descobrir uma semelhança entre os idiomas indo-europeus, sugeriu a existência de uma língua primitiva comum. Sua hipótese englobava os idiomas holandês, grego, latim, persa, alemão, eslavo, céltico e báltico.

Sir William Jones (1746-1794), Charles Wilkins (1749-1836) e Thomas Colebrooke (1765-1837) são considerados os pais da Indologia. O orientalista e jurista londrino William Jones foi educado em Oxford, onde começou a estudar as dezesseis línguas que posteriormente teria dominado, dentre as quais algumas orientais. Além de praticar advocacia, escreveu uma gramática persa, e após ser designado juiz da Suprema Corte em 1783 foi para Calcutá, onde fundou a Sociedade Asiática de Bengala, da qual foi presidente vitalício. Por volta de 1780 os *brāhmaṇas* de Bengala receberam ordens de traduzir para o inglês – por intermédio do persa – as velhas leis e os livros sagrados da Índia. No mesmo ensejo, Jones começou a estudar o idioma sânscrito e, além de traduzir vários trabalhos desta língua para o inglês, logo identificou similaridades entre aquele, o grego e o latim, desembocando num discurso seu de 1788, citado como o marco inicial da Lingüística Comparada e dos estudos sobre o indo-europeu. O principal – e histórico – trecho deste discurso é o seguinte:

O sânscrito, seja qual for sua antiguidade, possui uma estrutura maravilhosa: mais perfeito que o grego, mais copioso que o latim, e mais delicadamente refinado do que ambos, mas apresentando uma afinidade com eles, no que se refere às raízes dos verbos e às formas gramaticais, que o acaso sozinho não poderia produzir; uma afinidade tão forte que o exame filológico permite concluir que procedem de uma fonte comum, que talvez não mais exista. Há razões semelhantes, embora menos imperiosas, para supor que as línguas gótica e céltica, ainda que misturadas com um idioma diferente, tenham a mesma origem que o sânscrito. (Poliakov, 1974, p. 168)²

² Segundo Gosvāmi, apesar de Jones não ter sido propenso a denegrir outras religiões que não a cristã, descreve o *Bhagavata Purāṇa* como uma história em retalhos e o *Bhagavata* como proveniente dos Evangelhos, que após introduzidos na Índia, foram repetidos aos hindus, que o incluíram na fábula de

Apesar da maioria dos orientalistas acolherem favoravelmente a descoberta de Jones, estas conclusões não foram bem recebidas por dirigentes, eruditos, funcionários civis e missionários, em sua maioria britânicos, que chegaram na Índia em fins do século XVIII e início do XIX. Imbuídos de uma mentalidade calcada não só na tentativa de se esquivar da tradição judaica, mas também na afirmação das qualidades dos povos europeus em detrimento dos outros continentes, eruditos e missionários, principalmente, se destacaram na construção da teoria da invasão ariana. Quanto mais os primeiros estudavam o sânscrito e os livros sagrados do Hinduísmo, não só descobriam um sistema de cultos e filosofias tão complexo e tão antigo quanto o europeu, como também procuravam um pretexto para desmerecer a história e cultura que começavam a conhecer, principalmente no que tocava à antiguidade do saber indiano. De acordo com o pesquisador da história, religião e filosofia da Índia antiga, Shrikant G. Talageri, em seu artigo *Vedic history and the Aryans* (1998), a religião do *Rgveda* seria tão arcaica que refletiria a cultura dos indo-europeus originais do modo reconstruído pelos eruditos ocidentais. Todas as outras mitologias indo-européias manteriam elementos intrinsecamente comuns com a mitologia védica, mas praticamente nada de semelhante entre si, ainda que geograficamente próximas uma da outra e ao mesmo tempo distantes da Índia (Talageri, 1998, p. 234a). Os europeus não aceitariam o fato de dever suas línguas e civilização a uma Índia que, ao contrário de alguns indómanos do século XVIII, julgavam ignorante – particularmente o Império Britânico no auge de sua glória. Por outro lado, Feuerstein, Kak e Frawley em *In search of the cradle of civilization* (1999) argumentam que:

A descoberta de Jones levou à criação de toda uma nova disciplina erudita – a lingüística comparada. Esta disciplina inovadora representou um desvio principal do entendimento ortodoxo da herança judaico-cristã, que considerava o hebraico como a matriz de todas as línguas. De acordo com a Bíblia, a raça humana começou com Adão e Eva, que foram criados por Javé logo depois Dele ter dado feição ao mundo. Seguindo o bispo Ussher, as autoridades cristãs preferiram uma data de 4.004 a.C. para o momento da criação. Porque os seres humanos foram criados no sexto dia do esforço criativo de Deus, a humanidade é praticamente tão antiga quanto a Terra. Desde que os descendentes mais diretos de Adão e Eva eram tribos

Ce'sava – um nome de *Kṛṣṇa*. Porém, sabe-se hoje que o culto a *Kṛṣṇa* precede ao de Cristo em séculos. (Gosvāmi, 1986, p. 75)

semíticas, o hebraico foi aclamado como a língua mais antiga do mundo. (Feuerstein; Kak; Frawley, 1999, p. 48.)

O raciocínio que entrou em voga como suporte para todo este contexto, do ponto de vista dos europeus, é simples: ao se valer da conclusão de Jones que o sânscrito, o grego, o latim e as línguas gótica e céltica “procedem de uma fonte comum” – uma reconstrução hipotética denominada “indo-europeu” –, logo concluíram que deveria haver uma terra natal para os falantes deste idioma ancestral, de preferência em algum lugar que não fosse nem a Índia, nem Israel. Por outro lado, ao ler os *Vedas* – principalmente o *Rgveda* –, notaram a existência de um conflito entre dois grupos humanos, a saber, os *āryas* vencedores e os *dasyus* vencidos. Ao atribuir a cada um dos dois lados a condição de raças humanas, por conseguinte identificaram os *dasyus* como autóctones da Índia e os *āryas* como invasores nômades responsáveis pelo conflito supracitado, sendo o sânscrito, o Hinduísmo e conseqüentemente o sistema de castas resultados do choque bélico das duas supostas raças³. A terra natal dos *āryas* foi inicialmente apontada na Ásia Central – como Irã e Afeganistão –, depois Oriente Médio, até que o pêndulo chegasse na Europa – setentrional, como as áreas atuais da Alemanha, Suécia e Islândia. Esta mudança de ênfase do Oriente para o Ocidente aconteceu no despertar de pesquisas em campos como o da geologia, antropologia, craniologia e arqueologia pré-histórica. Teorias sobre migração estavam em voga no século XIX, que já testemunhava as grandes migrações da Europa para a América. Qualquer inovação cultural descoberta na arqueologia era transformada num produto de uma nova migração. Um novo estilo de cerâmica achado em uma cultura era atribuído a um novo povo chegando na região⁴.

A supremacia política dos governadores britânicos forneceu-lhes a oportunidade de distorcer fatos da história indiana, disseminar informações equivocadas sobre os indianos e sua religião, língua e cultura. Muitos eruditos e historiadores foram

³ Nas palavras de Michel Danino: “Esses orgulhosos eruditos, precipitando-se na ‘evidência linguística’ que diziam encontrar nos Vedas, explicavam que era apenas outro caminho no sentido oposto: os *dasyus* védicos foram arbitrariamente identificados com os drávidas, e que guerras entre eles e os arianos tornaram-se ‘prova’ da conquista sangrenta do norte da Índia pelo ‘grande exército de imigrantes arianos em marcha’ a partir da Ásia Central.” (Danino; Nahar, 1996, p. 19.)

⁴ Malgrado o fato da arqueologia passar anos-luz do estudo destes eruditos, ela veio a ser considerada como essencial apenas no fim do século XIX, quando a teoria da invasão ariana, apesar de multifacetada na Europa, já estava teoricamente inculcada em sua mentalidade, e não necessariamente fundamentada de forma empírica.

empregados para reescrever livros prescritos como currículo em escolas e universidades estabelecidas no padrão britânico de tal modo a propagar o complexo de inferioridade nas mentes indianas. Tais obras denegriram o idioma e a literatura sânscritas, especialmente os *Vedas*. Alguns esforços de governantes britânicos receberam um estímulo adicional da vigorosa propaganda do mito da raça ariana e teoria da invasão pelos eruditos ocidentais, destacando-se Vere Gordon Childe (1892-1957) e Gustav Klemm (1802-1867). De acordo com o segundo, as pessoas do Oriente eram caracterizadas como estagnadas e degeneradas, enquanto que os europeus eram superiores em inventividade, energia e independência (Aryan; Aryan, 1998, p. 30b).

No começo o governo britânico cuidou para não forçar nenhuma mudança na religião dos indianos. Sob os auspícios de Charles Cornwallis, 1º marquês de Cornwallis (1738-1805) e a Companhia Inglesa das Índias Orientais, havia o clima de se preservar as leis do *Śāstra* e do *Corão* e proteger a liberdade religiosa dos indianos. Porém, menos de um ano depois, Charles Grant (1746-1823) escrevia que “A companhia (sic) manifestou um interesse louvável de estender, até onde lhe fosse possível, o conhecimento do Evangelho às tribos pagãs, em meio às quais ela construiu suas fábricas.” (Gosvāmi, 1986, p. 73). Em 1808 Grant descreve as tradições bíblicas em dialetos indianos como “os principais esforços envidados sob o patrocínio do governo britânico na Índia como o meio de transmitir aos nativos o conhecimento acerca da cristandade.” (Gosvāmi, 1986, p. 73).

De acordo com o historiador Vincent Smith a política inglesa na Índia no início do século XIX comportava três tendências. Os conservadores interessavam-se em melhorar o modo de vida indiano sem deixar de lado a cautela sobre uma reação violenta: não enxergavam nenhum jeito fácil de acabar com a tradição indiana. Os liberais inclinavam-se por uma introdução paulatina dos valores ocidentais na sociedade indiana. Os racionalistas pareciam mais radicais por confiarem que a razão aboliria a ignorância humana, e o Oriente só ganharia ao concordar com a intervenção do Ocidente.

Aquele que foi considerado o maior erudito em sânscrito de sua época, Horace Hayman Wilson (1786-1860), foi educado em Londres e viajou para a Índia como integrante do serviço médico da Companhia Inglesa das Índias Orientais. Tornou-se secretário da Sociedade Asiática de Bengala em 1811-33, publicou um dicionário

sânscrito-inglês, fez-se professor de sânscrito em Oxford, bibliotecário da Casa da Índia em 1836 e diretor da Real Sociedade Asiática no ano seguinte. Apesar de todo este currículo e de muitas obras a ele atribuídas – *Vishnu Purana, Palestras sobre os sistemas religiosos e filosóficos dos hindus* –, Natalie P. R. Sirkin mostrou evidências de que “suas publicações mais importantes eram coletâneas de manuscritos de autores falecidos, de cujos trabalhos ele tomou para si o crédito, bem como trabalhos feitos sem pesquisas.” (Gosvāmi, 1986, p. 77) Ele teria escrito análises sobre os *Purāṇas* sem ao menos tê-los lido. Apesar de sugerir que a Grã-Bretanha não obrigasse os hindus a abandonar suas tradições religiosas, escreveu que:

Do levantamento que lhes foi apresentado, perceberão que a religião praticada pelos hindus não é, de forma alguma, um sistema concentrado e compacto, mas sim um composto heterogêneo, constituído de vários ingredientes que, não muito infreqüentemente, são incompatíveis, e que ela fez extensos e desautorizados acréscimos a alguns antigos fragmentos, e a maioria desses acréscimos é de natureza sobejamente prejudicial e desagradável. Entretanto, pouco adiantará trazer a multidão à realidade; sua superstição baseia-se na ignorância, e, até que as bases sejam arrancadas, a superestrutura, por mais desconexa e podre que esteja, vai se manter firme. (Gosvāmi, 1986, p. 76)

Wilson acreditava que, a despeito de que o povo indiano não deixaria tão facilmente sua tradição, o seu conhecimento auxiliaria a substituição da cultura védica pela cristã. Consciente de alguns obstáculos, defendia que

Toda a tendência da educação bramínica consiste em tornar a pessoa dependente da autoridade – em primeiro lugar, do *guru*, e, logo em seguida, dos livros. Um *brāhmaṇa* erudito confia apenas em sua erudição; ele nunca se expõe ao pensamento independente; ele se vale da memória; ele cita versos e mais versos e com uma fé a toda prova. É muito difícil persuadi-los de que os *Vedas* são escritos humanos e muito ordinários, de que os *Purāṇas* são modernos e inautênticos, ou mesmo de que os *tantras* não são dignos de respeito. Enquanto ele não aceitar a autoridade da razão e, acatando as palavras de um sábio de reputação, não se convencer de nada mais, pouco pode alguém mudar sua compreensão. Contudo, é bem certo que ele recorrerá às autoridades e, por isso, é muito importante mostrar que suas autoridades não têm nenhum valor. (Gosvāmi, 1986, p. 76)

Este autor foi o primeiro detentor da Cadeira Boden de Sânscrito em Oxford. Palestrou publicamente e incentivou, com um prêmio de duzentas libras, uma campanha “para quem melhor refutasse o sistema religioso hindu.” (Gosvāmi, 1986, p. 77), e

desenvolveu em seus escritos um método perspicaz de perscrutar a psicologia védica nativa segundo uma relação forjada entre *guru* e discípulo.

O sucessor de Wilson na Cadeira Boden de Oxford foi Sir Monier Monier-Williams (1819-1899). Nascido em Bombaim, estudou na faculdade da Companhia Inglesa das Índias Orientais e foi designado professor de sânscrito em Oxford (1870). Escreveu *Hinduismo* (1894), publicado e distribuído pela Sociedade de Promoção do Conhecimento Cristão, e também o *Dicionário Sânscrito-Inglês*. Dedicou vinte e cinco anos para fundar (1896) em Oxford seu Instituto Indiano, como meio de divulgação da cultura e literatura indianas. Não acreditava que a cultura védica seria um estágio de evolução rumo ao Cristianismo, ao contrário de outros da época⁵.

Um outro pioneiro não afeiçoado à cultura védica foi o indólogo de Königsberg, Theodore Goldstücker (1821-1872). Também educado em Bonn, estudou aí sânscrito, filosofia e línguas orientais. Ao estabelecer-se em Londres, em 1850, foi nomeado professor de sânscrito da Universidade de Londres – cargo que manteve até morrer. Goldstücker fundou a Sociedade de Publicação dos Textos Sânscritos, participou de vários projetos literários e de pesquisa sobre a Índia e escreveu livros acerca do assunto. Defendia a opinião de que os indianos eram sobrecarregados pelo peso da religião védica, esta motivo de escárnio e vergonha. Em sua obra *Escritos inspirados do Hinduismo*, ataca a literatura védica e acredita ter provado que conseguira aniquilar, em bases escolásticas, a escritura, restando à geração da época a adoção dos valores europeus de forma a melhorar a qualidade do caráter dos indianos. O tradutor da versão inglesa de 1896 do *Rgveda*, Ralph T. H. Griffith, deixou escrito que os *Vedas* constituem uma “monotonia intolerável de um grande número dos hinos.” (Danino, 1996, p. 18).

4. Os missionários cristãos e a teoria da invasão ariana no século XIX

Para a maior parte dos ingleses de fins do XVIII religião significava Cristianismo. Com a ausência de sanções do governo, evangelistas de confissão cristã chegaram à Índia para converter e minar “superstições do país”. O “fardo dos homens brancos” de civilizarem as raças menos esclarecidas, as “missões divinamente

⁵ “Sem dúvidas, não há erro maior do que ajustar essas bíblias não-cristãs a alguma teoria científica de desenvolvimento e em seguida assinalar a *Bíblia Sagrada* dos cristãos como o produto resultante da evolução religiosa.” (Gosvāmi, 1986, p. 78)

ordenadas” de levar a glória da civilização comercial e industrial da Europa à Índia possibilitou o surgimento de artigos, discursos, panfletos e grossos volumes dedicados à tarefa de resgatar os indianos da “escuridão” na qual haviam caído. Daí começou uma campanha sistemática para desbaratar não só a civilização indiana, sua cultura e sociedade, mas também as verdadeiras raízes do Hinduísmo. Além do missionário presbiteriano escocês Alexander Duff (1806-1878) enxergar o Scots College que fundara em Calcutá como “a sede de uma grande campanha contra o hinduísmo” (Danino, 1996, p. 18), pretendia não só matricular os nativos em escolas e faculdades que ensinavam em inglês, mas também doutriná-los através deste idioma. Os missionários criticavam a atitude neutra do governo britânico para com a cultura indiana. Num primeiro momento o missionário batista inglês William Carey (1761-1834) foi advertido como perigo político pelo governo britânico em Bengala, tão contundente havia sido sua propaganda anti-védica. Após confiscar exemplares de panfletos em bengali produzidos por Carey, o governador geral da Índia Gilbert Elliot-Murray-Kynynmond, 1º conde de Minto (1751-1814) considerou-os “Sem quaisquer espécies de argumento, eles, cheios de fogo do inferno e de um fogo ainda mais quente, vituperaram uma inteira raça de homens pelo simples fato de acreditar na religião que seus pais lhes ensinaram.” (Danino, 1996, p. 74). Com o tempo a investida dos missionários foi tão aguerrida que acabaram obtendo permissão de continuar sua campanha sem licença do governo. Não deixavam de classificar os textos védicos como coisas absurdas que serviam apenas para divertir crianças.⁶ E foram além. Depois de institucionalizada a *teoria da invasão ariana*, muitos missionários começaram a divulgar a idéia de que os *brāhmanas* seriam descendentes diretos dos invasores arianos, que logo após a conquista, criaram o sistema de castas para perpetuarem sua supremacia sobre os nativos. Como os *dasyus* e as castas inferiores rebelar-se-iam contra este sistema, o Cristianismo teria sido projetado como força libertadora destas castas. Assim o Raj britânico seria uma outra “onda ariana” que traria a verdadeira luz à Índia e salvaria os indianos das aberrações que provieram da primeira invasão.

Considerações finais

⁶ Monier-Williams escreveu que os hinos védicos abundam “mais em idéias pueris do que em pensamentos notáveis e concepções altivas.” (Danino, 1996, p. 18.)

Contradições dentro da teoria da invasão ariana não foram raras: ao passo que os eruditos esforçavam-se por identificar os invasores com os europeus e suas glórias culturais – dentre estas, o Cristianismo que diziam representar –, os missionários ensejavam-se num esforço para desacreditar esses mesmos invasores em prol da campanha de evangelização. Porém, apesar do paradoxo, comungavam da idéia de denegrir a cultura indiana. Todo tipo de ideologia estrangeira tentava negar qualquer civilização autóctone à Índia. A concepção de um grupo cultural monolítico promovendo a pureza étnica e lingüística é um produto do pensamento colonial do século XIX, no qual povos de pele escura eram considerados inferiores e usados como escravos.

Referências bibliográficas

ARYAN, K. C.; ARYAN, Subhashini. *The Aryans history of vedic period*. New Delhi: Rekha Prakasha, 1998.

British Empire. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/British_Empire>. Acesso em: 11 de março de 2009.

DANINO, Michel; NAHAR, Sujata. *The invasion that never was; Song of humanity*. Auroville: The Mother's Institute of Research, 1996.

Enciclopédia Barsa. São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1993, 16v.

FEUERSTEIN, Georg; KAK, Subhash; FRAWLEY, David. *In search of the cradle of civilization*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1999.

GOSVĀMI, Satsvarūpa dāsa. *Introdução à filosofia védica: a tradição fala por si mesma*. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1986.

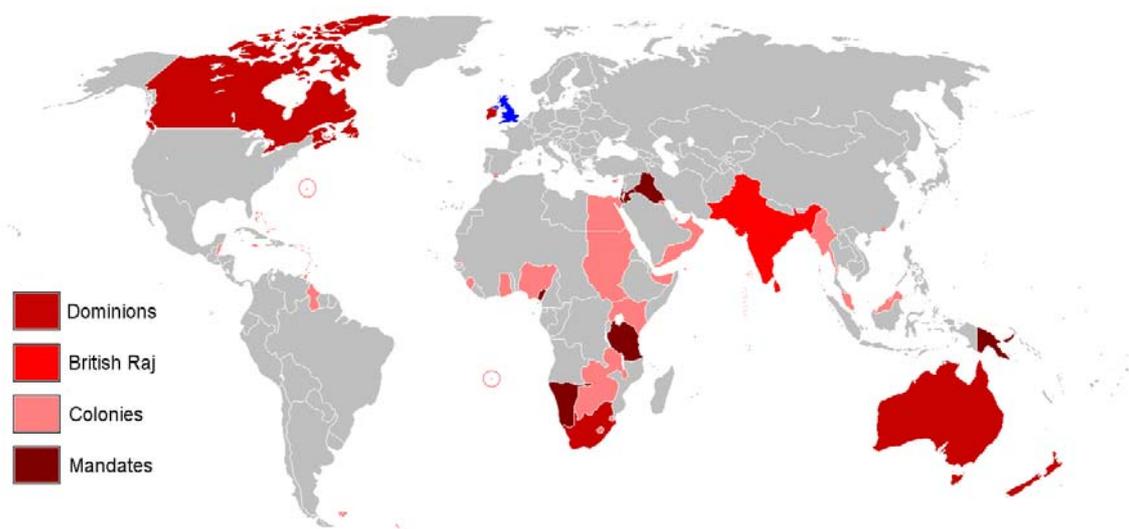
ÍNDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndia>>. Acesso em: 07 de janeiro de 2009

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição semântica aos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. Puc-Rio, 2006

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

The Astrological Magazine. Vol. 87, nº 2, February, 1998.

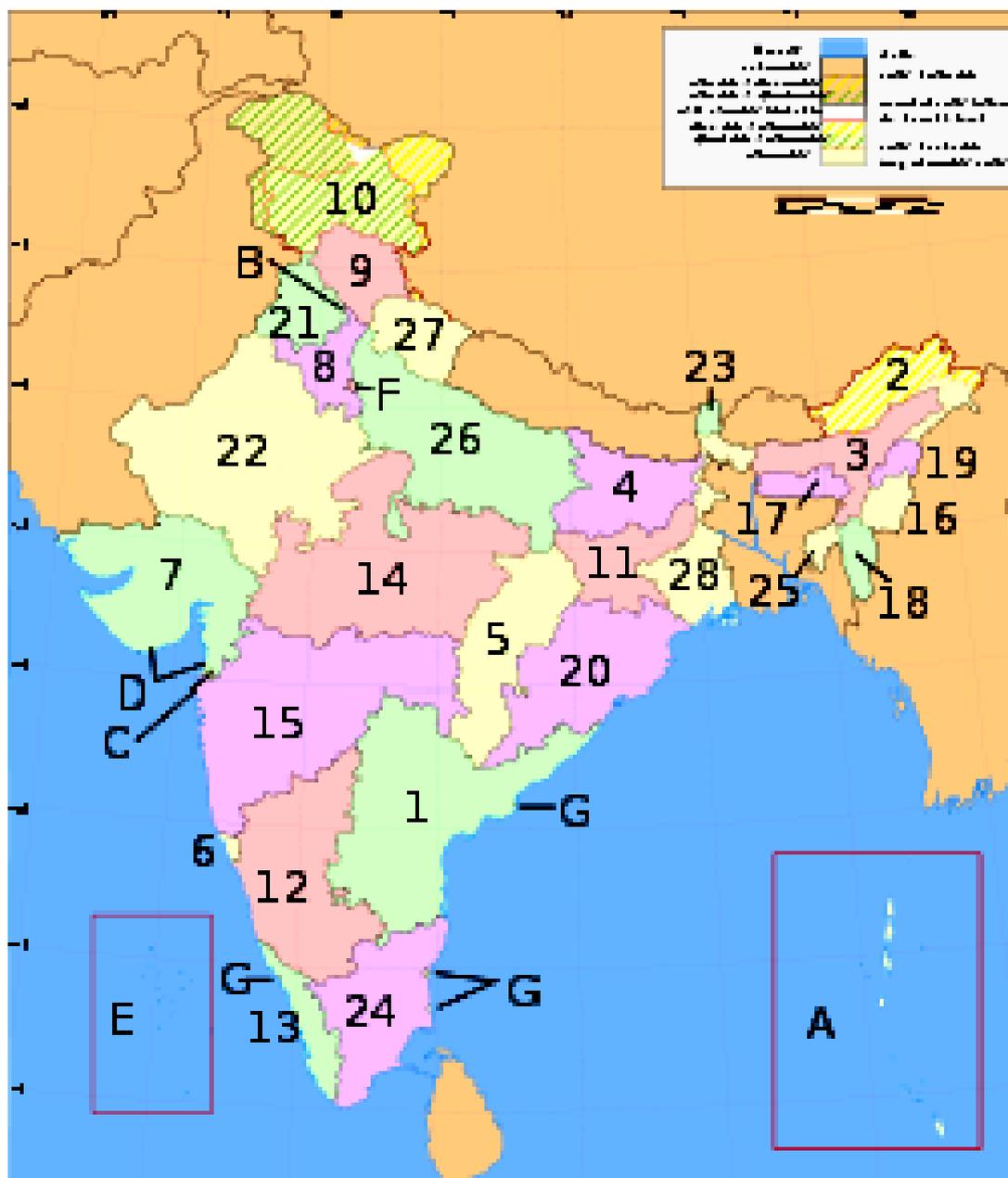
Anexo 01 – Império Britânico



O Império Britânico segundo o Tratado de Versalhes em 1919 em sua extensão máxima. In: Brown, Judith. *The Twentieth Century, The Oxford History of the British Empire Volume IV*. Oxford: Oxford University Press, 1998, pp. 10.

Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/British_Empire>.
Acesso em: 11 de março de 2009, às 21:45.

Anexo 02 – Regiões da Índia I



Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndia>>.
Acesso em: 07 de janeiro de 2009, às 12:50.

Anexo 03 – Regiões da Índia II

Estados:

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| 1. Andhra Pradesh | 15. Maharashtra |
| 2. Arunachal Pradesh | 16. Manipur |
| 3. Assam | 17. Meghalaya |
| 4. Bihar | 18. Mizoram |
| 5. Chhattisgarh | 19. Nagaland |
| 6. Goa | 20. Orissa |
| 7. Guzerate | 21. Punjabe |
| 8. Haryana | 22. Rajastão |
| 9. Himachal Pradesh | 23. Siquim |
| 10. Jammu e Caxemira | 24. Tâmil Nadu |
| 11. Jharkhand | 25. Tripura |
| 12. Karnataka | 26. Uttar Pradesh |
| 13. Kerala | 27. Uttarakhand |
| 14. Madhya Pradesh | 28. Bengala Ocidental |

Territórios federais:

- A. Andamão e Nicobar
- B. Chandigarh
- C. Dadrá e Nagar Haveli
- D. Damão e Diu
- E. Laquedivas
- F. Délhi
- G. Pondicherry

Adicionalmente, apesar de nunca ter reclamado posse territorial na Antártida, a Índia tem aí instaladas duas bases científicas: Dakshin Gangotri e Maitri.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndia>>.

Acesso em: 07 de janeiro de 2009, às 12:50.